

Memória: a do paciente e a do médico

O aluno de pós-graduação dissertava sobre alterações psíquicas da aids-doença. Entre elas, arrolou na transparência “esquecimento”.

Veio-me à lembrança – lembrança, antonímico de esquecimento – um caso que nada tinha a ver com aids. Num hospital de emergência do litoral sul de São Paulo, instalado para atender as vítimas da arboencefalite epidêmica, em 1975 (tema de tese de docência-livre do A.) um jovem com encefalite, estudante de aviação, imergira em profunda letargia. O sono patológico do moço durou por mais de uma semana, quando, então, passou a despertar gradativamente. Entreabriu os olhos, olhar de espanto! De nada se lembrava, não sabia dizer o que acontecera, achava tudo estranho; se ali estava, por quê?! Quando lhe foi oferecido o desjejum – café-com-leite mais um pão –, hesitou, tateando para pegar o pão. Porque em vez de um pão passou a enxergar três pães, três em vez de um! E mais, descrevia as três imagens: uma ao lado; outra acima (uma de lateralização, outra de superposição; qual a real?). Entrou em sobressalto! Seria assim para o resto da vida? Se passasse a visualizar três pistas de aterrissagem, como faria ao pilotar o “Paulistinha”?!

O fenômeno, o último descrito, fora de diplopia? De triplopia? (com certeza não se tratava do milagre dos pães nem de “triplopão”). Os sintomas vieram em progressão, mas em antecedência ao distúrbio neuroóptico, assinalara a perda da lembrança, a denominada amnésia.

Volto ao pós-graduando que expunha sobre aids. Imprópria, a denominação (esquecimento)? Não de todo. Sucede que “esquecimento” está presente no nosso dia-a-dia. Lapsos não traduzem, de imediato, a manifestação mórbida. Proposição feita ao aluno: seria mais adequado que a menção fosse substituída por “alteração da memória, redução da memória”.

Do latim *memoria*, e do grego *mneme*, a palavra integra numeroso vocabulário. Muitas virão ao encontro do pesquisador científico durante seu amadurecimento acadêmico: memorial, imemorial, memorável, memorando, memorizar, memorização, comemorar, comemoração, rememorar... Juntada ao verbo latino, forma o imperativo

Memória: possibilidade de colher as rosas no inverno.

Pollard JG, 1871, escritor americano

memento, “lembra-te”, do qual um composto nos fornece reminiscência, e daí ao grego *mnemonia* “que se lembra”, de onde: mnemônico; amnésia (*a* = privação), perda da memória (do estudante de pilotagem). A raiz latina parece encontrar-se na palavra *mentem*, espírito (aparentada ao inglês *mind*, faculdade de pensar), de onde mental, mentalidade, demente, demência. A *mentem* juntam-se ainda: menção, de onde mencionar, mentir, desmentir, mentor, comentador, comentário. E não pára por aí. Até anistia, anistiar filiam-se à memória.¹

Curiosamente, o médico é o exemplo de profissional propenso ao esquecimento dos compromissos corriqueiros. Razão por que carrega sua agenda de bolso. Mas sobre a casuística – do seu exercício clínico –, têm a memória: de elefante! E daquele cliente caloteiro que deixou de pagar o tratamento, nem se fala!

Arary da Cruz Tiriba. Professor titular (aposentado, em atuação voluntária na Disciplina de Doenças Infecciosas e Parasitárias do Departamento de Medicina da Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina (Unifesp/EPM)).

INFORMAÇÕES

Local onde foi produzido o manuscrito: Disciplina de Doenças Infecciosas e Parasitárias do Departamento de Medicina da Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina (Unifesp/EPM)).

Endereço para correspondência:

Rua Cayowaá, 969 — Vila Pompéia
São Paulo (SP) — CEP 05018-001
Tel. (11) 3862-4411 — Fax (11) 3872-2307.
E-mail: atiriba@terra.com.br

Fonte de fomento: nenhuma.

Conflito de interesse: nenhum.

REFERÊNCIA

1. Clédat L. Dictionnaire Étymologique de la Langue Française. Paris: Classiques Hachette; 1912.

Data de entrada: 3/5/2007

Data da última modificação: 3/5/2007

Data de aceitação: 15/8/2007

RESUMO DIDÁTICO

- Lapsos não traduzem, de imediato, a manifestação mórbida.